

Prefácio

Celebrando os 50 anos da
Primeira Reunião
Brasileira de Antropologia

O mundo do inteligível, definido em termos de experiência temporal, é um corpo organizado de expectativas baseadas na recordação.

PAUL CONNERTON, *Como as sociedades recordam*

Em novembro de 1953, sob a liderança de Heloísa Alberto Torres (1895-1977) e a presidência de honra de Edgar Roquette-Pinto (1884-1954), no Museu Nacional, no Rio de Janeiro, aconteceu a 1ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA).

Algumas dezenas de pessoas reuniram-se e deliberaram pela criação da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), fato que efetivamente ocorreu na 2ª RBA, realizada em Salvador, em 1955. A ABA tem, assim, duas datas fundacionais a comemorar.

Da primeira reunião até a vigésima quarta, que ocorrerá no Recife, em 2004, os congressos de antropologia cresceram a ponto de congregarem cerca de 2 mil pessoas. Nessa trajetória, as RBAs firmaram-se como os eventos mais importantes da antropologia brasileira, tanto no sentido científico e acadêmico quanto política e socialmente. Mas em virtude do papel crítico que sempre desempenhou na defesa dos direitos humanos, na ditadura militar de 1964 a 1985, a Associação, durante um período (1966-1974), não pôde se reunir regularmente, o que causou uma interrupção na continuidade dos congressos. A partir de 1974, os antropólogos brasileiros vêm encontrando-

se a cada dois anos para discutir suas pesquisas, apresentar resultados, traçar novos rumos acadêmicos e políticos para a prática da disciplina sob o guarda-chuva das RBAs.

No Brasil democrático, pós Constituição Federal de 1988, a ABA aprofunda sua participação nos processos de ampliação do bem-estar e da democracia, envolvendo-se intensamente com o destino das populações indígenas, com o combate à discriminação racial, de gênero e comportamental. A presença da ABA expressa-se também nas atividades que a Associação promove ou apóia além dos seus grandes encontros bienais e nos posicionamentos que toma perante o Estado brasileiro. Nos últimos anos, foram produzidos vários livros e vídeos que, de imediato, por contarem com o selo ABA em suas capas, geram um impacto sobre a comunidade acadêmica, segmentos do Estado e da sociedade civil, pois são reconhecidos

enquanto produtos que cruzam o melhor da qualidade antropológica com o melhor do engajamento. Sociedade científica cinqüentenária, a ABA continua revelando um vigor e uma energia que se baseiam na capacidade de cooperação e articulação que suas muitas centenas de sócios têm, tanto quanto no lugar específico que soube preservar junto à sociedade e ao Estado brasileiros, fatos que lhe conferiram o capital político de que goza.

É difícil falar da moderna história da antropologia no Brasil sem falar da história da ABA. Também é difícil falar do pensamento social brasileiro sem falar da contribuição que os antropólogos têm feito para a compreensão do país e para a construção de uma nação pluriétnica onde o direito à diferença e o acesso aos benefícios da democracia e da riqueza social sejam realidade. Seja na área dos direitos humanos, na do combate ao racismo e à discriminação, na denúncia das condições muitas vezes indignas às quais estão

sujeitas imensas parcelas vulneráveis da população, na difusão de conhecimento novo que só a pesquisa de ponta pode gerar ou na disseminação de imagens mais complexas da vida cultural, social e política, a antropologia brasileira tem demonstrado, nacional e internacionalmente, a sua capacidade de fazer frente aos desafios da contemporaneidade. Certamente o imaginário brasileiro seria menos rico se não houvesse os milhares de artigos acadêmicos e de divulgação, dissertações, teses e livros de antropologia, nem as incontáveis participações de antropólogos em diferentes âmbitos da nossa vida pública.

Celebrar é promover, patrocinar, exaltar, acolher com festejos e comentários. Comemorar é trazer à memória, festejar fazendo recordar. É tudo que a ABA quis ao produzir este livro. Promover, patrocinar e exaltar nossa memória trazendo-a visualmente para que possamos recordá-la e festejá-la. Para uma comunidade que se

expressa e se organiza por meio de uma sociedade científica, nada mais apropriado para comemorar e nada mais apropriado para sua auto-imagem que um livro iconográfico. Por isso, incorporamos imediatamente a sugestão da professora Mariza Corrêa, ex-presidente da Associação, que, no âmbito das idéias da presente Diretoria de celebrar a memória da antropologia no Brasil, sugeriu a publicação de um livro de fotos sobre a história da ABA. O presente volume é uma homenagem a muitas das lideranças que, neste meio século, permitiram chegar aonde estamos. Mas, ao registrar algumas visões do passado, trata-se igualmente de estabelecer um repertório de imagens que permita aos jovens antropólogos vislumbrarem como se construiu o campo acadêmico e político da antropologia no Brasil. Deixemos o livro mostrar-se por si mesmo!

Gustavo Lins Ribeiro
Presidente da ABA
Gestão 2002-2004